

Arquitetura do Som: Construção autônoma e protagonista desde os primeiros passos com o violino

Sheyla Yassue Yatsugafu¹

UNIRIO – PROEMUS/MESTRADO

SIMPOM: *Educação Musical*

sheylayatsugafu@gmail.com

Resumo: Considerando o conceito de arquitetura contextualizado à realidade do processo de ensino-aprendizagem do violino; os quatro pilares da educação da Unesco: aprendendo a saber, a fazer, a conviver e a ser; assim como os sete saberes necessários à educação do futuro de Edgard Morin, também com os critérios da Unesco; e a autonomia, o protagonismo, mais os valores preconizados por Paulo Freire; é proposto no presente artigo a arquitetura do som. Desde o início do processo, o aprendiz é colocado na posição de ator, participando e interagindo nas atividades, pois as propostas fazem parte de seu universo e são elaboradas para este fim, organizado na forma de zoológico com animais e brincadeiras. A ideia do formato desta organização se deu para que o planejamento – exercícios preliminares ao som e execução violinística em si – a execução (toque do violino) e a auto avaliação sejam orgânicos, fazendo analogia ao funcionamento de um zoológico, no qual a atenção e cuidados em cada uma das partes e no todo fazem a retroalimentação do processo para que ele seja saudável, sustentável e prazeroso ao praticante. São propostos exercícios com nomes de animais e suas ações: fazer a forma do cachorro com a mão direita e movimentos para imitar o latir, o farejar e a mordida do osso. Enfim, busca-se a melhor abordagem à iniciação musical e violinística no imaginário coletivo comum, com elementos para que ela ocorra sem que se necessite passar por abismos profundos, distanciamentos desnecessários ao processo. Ao contrário, busca na multi e interdisciplinaridade inerentes à música o gozo da atividade de aprender. E fundamental ter como premissa: ensinar é um ato de amor e amar.

Palavras-chave: Violino; Iniciação musical; Autonomia; Protagonismo; Arquitetura do som.

Architecture of Sound: Autonomous and Protagonist Construction Since the First Steps with the Violin

Abstract: Considering the concept of architecture contextualized to the violin learning process reality; the four pillars of learning, by UNESCO: learning to know, to do, to live together and to be; as well as the seven complex lessons in education for the future by Edgard Morin, also by criteria of UNESCO; and autonomy, protagonism, plus the values precognised by Paulo Freire; it is proposed in this article the architecture of sound. From the beginning of the process, the student is placed in the acting position, participating and interacting in activities, because the proposals are part of his universe and are developed for this purpose, organized in a form of a zoo with animals and games. The idea for the format of this

¹ Orientador: Prof. Dr. Marco Túlio de Paula Pinto; Co-orientadora: Profa. Me. Mariana Isdebski Salles

organization was given to the planning - Preliminary exercises without sound and violinistic execution itself - execution (Violin playing) and self evaluation to be organic, as well as the zoo in which the attention and care in each part and the whole of it makes the feedback process so that it is healthy, sustainable and joyful for the player. There are exercises with animal names and their actions: doing the dog shape with the right hand and the movements to mimic the bark, the smell and bone bite. Finally, looking forward the best approach to the musical and violin initiation in the common collective imaginary, with elements to occur without the need of going into gaps, unnecessary distances of the process. Instead, search on multi and interdisciplinarity inherent aspects in music for enjoyment of the learning activity. And fundamental as premise: teaching is an act of love and to love.

Keywords: Violin; Music Initiation; Autonomy; Protagonism; Architecture of Sound.

1. Introdução:

Arquitetura:

do grego αρχή [arkhé] significando “primeiro” ou “principal” e, τέχνη [tékhton] ”construção”) refere-se tanto ao processo quanto ao produto de projetar e edificar o ambiente... organização do espaço e de seus elementos...qualquer problema de agenciamento, organização, estética e ordenamento de componentes...associa-se diretamente ao problema da organização do homem no espaço...” (Wikipédia)

e segundo Lúcio Costa, abrangendo a definição moderna e brasileira:

Arquitetura é antes de mais nada construção, mas, construção concebida com o propósito primordial de ordenar e organizar o espaço para determinada finalidade e visando a determinada intenção. E nesse processo fundamental de ordenar e expressar-se ela se revela igualmente e não deve se confundir com arte plástica, porquanto nos inumeráveis problemas com que se defronta o arquiteto, desde a germinação do projeto, até a conclusão efetiva da obra, há sempre, para cada caso específico, certa margem final de opção entre os limites - máximo e mínimo - determinados pelo cálculo, preconizados pela técnica, condicionados pelo meio, reclamados pela função ou impostos pelo programa, - cabendo então ao sentimento individual do arquiteto, no que ele tem de artista, portanto, escolher na escala dos valores contidos entre dois valores extremos, a forma plástica apropriada a cada pormenor em função da unidade última da obra idealizada.

A intenção plástica que semelhante escolha subentende é precisamente o que distingue a arquitetura da simples construção.

Dentro do artigo será proposto a ressignificação desta atividade de arquiteto no ambiente do processo de ensino-aprendizagem musical, indicando Paulo Freire - quando ele coloca que “não há docência sem discência”, e ensinar é uma especificidade humana e não é transferir conhecimento - levando a autonomia em direção ao protagonismo, Edgar Morin - redator dos “Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro” uma publicação solicitada pela UNESCO em 1999, criada para repensar e refletir as práticas educacionais no mundo

contemporâneo – onde o autor trata intrinsecamente da autonomia; e também da UNESCO os “quatro pilares da educação”, organizado por Jacques Delors sendo eles: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser.

2. Problema:

Ao encontrar o aluno em sua primeira aula assim como nas que seguirão, surgem as questões: Como despertá-lo para o “mundo” musical e violinístico? Ou: se já há interesse e pré-disposição ao aprendizado, como fomentar sua iniciação? Dada a iniciação, como dar os primeiros passos?

3. Metodologia:

Durante pouco mais de vinte anos (1994 – 2015) de docência, fez-se observação com coleta de dados e proposição de atividades em aulas individuais, coletivas em grupos musicais homogêneos e heterogêneos, com dois momentos de sistematização: primeiro para o relatório do Prêmio Interações Estéticas 2010 e segundo para o produto resultante do presente trabalho de mestrado.

4. Desenvolvimento:

Considerando:

1 – Os quatro pilares da educação segundo relatório da UNESCO:

Aprender a saber: para fornecer as ferramentas cognitivas necessárias a compreender melhor o mundo e suas complexidades, e proporcionar um fundamento adequado suficiente à aprendizagem futura .

Aprender a fazer: para fornecer as competências que permitam ao indivíduo participar de forma eficaz na economia global e na sociedade.

Aprender a ser: proporcionar auto habilidades analíticas e sociais para capacitar os indivíduos a desenvolver seu pleno potencial psicossocial, afetiva e fisicamente, tornando-a uma pessoa completa como um todo.

Aprender a conviver: para expor os indivíduos aos valores implícitos dentro dos direitos humanos, dos princípios democráticos, a compreensão intercultural, respeito, paz em todos os níveis da sociedade e relações humanas para capacitá-los e às sociedades de viver em paz e harmonia;

2 - Conectados ao trabalho de Paulo Freire com argumento bastante provocativo e valores colocados como condição *sine qua non* para a prática educativa dentre eles: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes do educando, criticidade, estética, ética, experimentação, risco (com aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação), reconhecimento com assunção da identidade cultural, do ser condicionado, consciência do

inacabamento, bom senso, humildade, tolerância, luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria, esperança, convicção que a mudança é possível, curiosidade, segurança, competência profissional, generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade, autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo e, por fim, querer bem aos educandos;

Esses atributos são essenciais, o arcabouço ao processo de aprendizagem, nos quais Freire aponta o ciclo gnosiológico onde o ensino e aprendizado vem do conhecimento existente e complementa com o trabalho de produção de conhecimento a partir do existente. Esta produção é enfatizada também por Morin como fundamento dos processos que seguirão em direção ao futuro com a autonomia permeabilizada e atuante, gerando o protagonismo. Apresenta-se assim o sustentáculo da estrutura da produção de conhecimento presente neste trabalho, somando a ele um ambiente propício como propõe Shinichi Suzuki, colocando a mãe como canal de transmissão do conhecimento por seu elo de afetividade, amor, conjuntamente a outros adjetivos inerentes à relação com seu filho/aluno, para dar à música toda esta ambiência, levando a cabo o que coloca em seu livro “Educação é Amor” afirmando que “*The man is a son of his environment.*” constantemente traduzido como “O homem é fruto do meio em que vive.”

Foi com esta proposta a concepção da história da construção de um zoológico, com o intuito de fazer analogia aos movimentos básicos iniciais do violino para a disponibilidade física, cognitiva e emocional para o toque deste instrumento. Muitos destes exercícios sistematizados da forma que segue são práticas correntes ou adaptações de colegas professores que é contada sempre acatando mudança de vocabulário para contextualização à realidade do aluno:

– Você conhece o arco? Ele é o melhor amigo do violino. Conduzindo-o perto do cavalete desta forma (o professor toca o instrumento) o som se faz. Você também quer fazer som com o violino? Vamos fazê-lo?

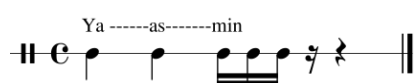
E então o professor conduz o aluno, posicionando o instrumento (violino e arco) sem maiores exigências para que a experimentação, contato violinístico se inicie com a proposição:

– Vamos ensinar o violino a falar seu nome?

Em cerca de 70% dos alunos de faixa etária acima de 7 anos (alfabetizados), a execução é silábica, mas há casos como indicado na figura do Exercício 1 onde a aluna faz outra proposta, sendo todas elas aceitas e sugestivas para variações posteriores dentro dos três pilares da teoria musical: ritmo, melodia e harmonia. Esta última, durante mais tempo, fica na função do professor. Outro ponto a observar é que todos os alunos querem seus nomes bem ditos e não os querem mal ditos o que os leva a ter zelo e atenção desde o primeiro ensinamento ao instrumento. Lembrando que a proposição coloca o aluno no lugar de ator.

Exercício 1

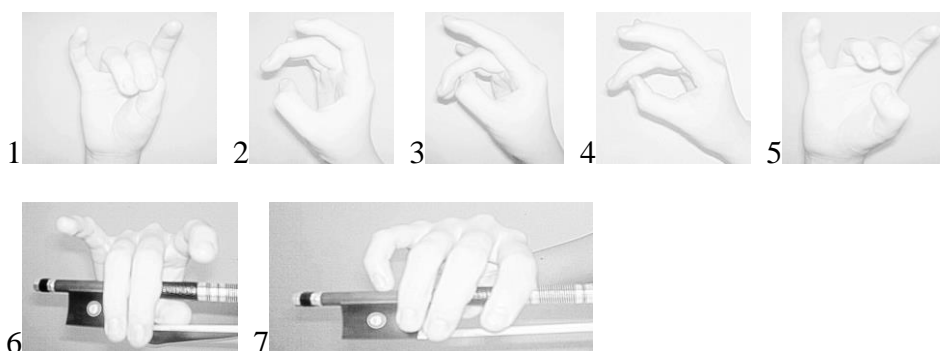
Aluno



Em seguida é sugerido:

– Então vamos começar a construir o zoológico para termos mais brincadeiras e animais? Começaremos com o cachorrinho que late, fareja e morde o osso (arco).

As figuras que seguem são: o cachorro (1), latido (2,3), farejo (3,4), mordida (1,5,6,7)



Os movimentos consistem:

Cachorro: Com os dedos semi-flexionados, opondo o polegar à falange medial do dedo médio com o dedo anular o acompanhando, deixando o dedo indicador e o mínimo em “quase extensão”, mas ainda em semi-flexão.

Latido: iniciando da posição do cachorro, movimentar o dedo médio e anular (extensão e flexão, separando estes dois do polegar) para imitar a ação do latido – conhecimento pré-disponível no aluno. Obs.: Fazer o aluno colocar atenção na percepção tátil do ponto onde o polegar toca o dedo médio, pois este será o ponto de contato com o arco)

Farejo: na posição do cachorro, fazer movimento de flexão e extensão dos dedos como na figura. Atenção ao movimento da base do polegar, para que haja flexão/extensão de todas as articulações envolvidas neste movimento.

Mordida: com o arco sendo segurado pela mão esquerda, fazer como na figura 1 e 5. Com a percepção tátil observada no latido, colocar o arco entre o dedo médio e o polegar no sentido transversal, de forma que se mantenha o alinhamento – sem flexão radial-ulnar e/ou palmar-dorsal. Repousar o dedo indicador também na falange medial e o dedo mínimo na ponta da falange distal. (YATSUGAFU, 2011.)

– Agora o arco se transforma em foguete!

Movimento: com a mão direita como no exercício do cachorro, braço em extensão, o aluno faz o movimento para cima e para baixo mantendo o arco em posição perpendicular ao chão.

– De foguete a colher de caldeirão! O que vamos ter pra comer hoje?

Movimento: iniciando na posição do exercício anterior, mantendo o arco perpendicular ao chão, o braço a cerca de 70° em relação ao tronco, sincronizando movimentos de flexão/extensão de antebraço sobre o braço, adução/abdução de braço num plano imaginário paralelo ao chão desenhando um “O” neste plano, em sentido horário e anti-horário. Este movimento serve para averiguar a disponibilidade de todo membro superior direito ao toque do violino, desde o ombro. (YATSUGAFU, 2011.)

– Começa a chover! O arco se transforma em limpador de para-brisa!

Movimento: com a posição inicial do foguete, braço em extensão formando 90° com o tronco, fazer movimento de pronação e supinação.

– Agora o cachorro que se transforma! Em aranha!

D. Aranha: com o posicionamento baseado no cachorro, fazendo movimentos pequenos e sincronizados, a mão vai percorrer todo o arco, sentido talão-ponta e ponta-talão, voltando à posição inicial. Acompanha o movimento, a música folclórica cantada durante o exercício.

D. Aranha

Folclore

Violin

A Do-naA-ra-nha su - biu pe-la pa-re - de. Veio a chu-va for - te e a der-ru-bou.

Já pas-sou a chu-va eo Sol já vem sur-gin- do, e a Do-naA-ra-nha con-ti - nu- a su- bir.

E- la é tei- mo- sa e de- so- be- di- en- te, so- be, so- be, so- be e nun- caes- tá con- ten- te.

Na sequência há os movimentos analógicos para exercício do membro superior esquerdo:

– Vamos ao Jacaré? Como será?



Com a mão esquerda fazer movimento de oposição do polegar com os outros dedos (indicador, médio, anular e mínimo). Pega o violino como na figura, gira-o no sentido anti-horário, fazendo movimento de supinação, olha o botão e o descansa sobre o ombro esquerdo, rotacionando a cabeça (movimento do não) para descansar o queixo na queixeira. Ao fazer este movimento de “encaixe” do instrumento, ilustra-se: “como guardar um carro na garagem” ou “empurrar a gaveta para dentro do móvel”. São três os pontos de contato do violino com o corpo: ombro esquerdo, queixo (mandíbula) e mão esquerda (base do indicador e falange distal do polegar). (YATSUGAFU, 2011.)

Após este exercício, propõe-se fazer de novo – lembrando que de novo e repetir são conceitualmente diferentes: repetir = fazer a mesma coisa e “fazer de novo”, fazer com algo novo, buscando no inglês *again* – *a gain* = um ganho.

– Será que o violino ainda lembra do seu nome?

Após o exercício propõe-se:

– Será que dá pra fazer de um jeito diferente?

Pode-se planejar o encerramento da primeira aula neste momento pois foram trabalhados pontos base como ação com o membro superior esquerdo e direito, primeiros sons com o violino, “semeando” princípios importantes para o desenvolvimento da aprendizagem.

A sequência é dada com a toca do rato: a partir da posição do jacaré, “escorregar” a base do indicador pelo braço do instrumento até a base da voluta, deixando um espaço em forma de “U” até a base do polegar, ficando o punho alinhado com o antebraço - sem flexão palmar-dorsal e/ou ulnar- radial.



Pica-pau:

Tendo como ponto de partida o exercício anterior, fazer a digitação 0-1 corda solta/primeiro dedo; 1-2, primeiro e segundo dedos, deixando o primeiro dedo como base, mantendo-o pressionado contra a corda; 2-3 segundo e terceiro dedos, agora sendo o segundo o dedo base. Fazer em todas as cordas. Importante: ao terminar de fazer o exercício em uma corda e antes de começar em outra fazer movimento amplo de adução/abdução do braço tendo o braço do violino, como eixo “balançando a cabeça do pica-pau”.

Do exemplo que segue, o quarto compasso deverá ser acrescentado - uma a duas aulas depois- dos três primeiros compassos. Fazer o aluno ter atenção na percepção

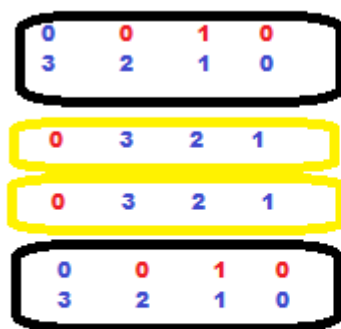
e memória tátil da mão do compasso 3 para então fazer o quarto compasso. Para a inserção do quarto dedo no exercício deve ser observada a ciência e consciência dos outros três dedos. Note que a linha de cima é a voz e a de baixo é a digitação. Está sem clave para que seja transposta para todas as cordas mantendo a digitação descrita. (YATSUGAFU, 2011.)

Para finalizar:

Macaquinho

O “Macaquinho” é o resultado sonoro deste primeiro processo adotado para o estudo do instrumento. Com a história contada, faz-se elo e interdependência dos movimentos e sua consciência. Como se pode notar o Macaquinho é o primeiro tetracorde de uma escala. Para fazer a escala inteira de uma oitava com o padrão de dedos apresentado, indica-se para subir o Macaquinho em duas cordas e depois, descer as duas cordas que subiu dando as informações do par de cordas tocado (aguda, grave, movimentos de troca de corda). Importante notar que a partitura está sem clave para que as notas adotem a altura de cada corda utilizada para o exercício. Com isso, em no máximo quatro aulas, o aluno estará praticando escala e logo, o arpejo.

Todo o “zoológico” segue em paralelo com as ”Estrelinhas” do Suzuki e há pontos análogos que podem ser traçados para memorização da forma musical adotada ABA. Exemplificando, desenha-se um sanduíche como abaixo. Com esta visualização, os alunos entendem e memorizam com muito mais facilidade, fazendo as “receitas” do pão ,queijo, queijo, pão, treinando cada uma delas separadamente. Lembrar de fazer alusão ao Macaquinho descendo na segunda linha da receita do pão do sanduíche. Uma das dificuldades



Corda Mi
Corda La

sanadas pelo “Pica-pau” é a transição do Mi corda solta, para o Re, terceiro dedo da corda La, quando é treinado o “pica-pau três dedos juntos”.

* Os números são as digitações e as cores, cada corda a ser utilizada conforme legenda.

Vale ressaltar que seguindo os pressupostos de formação do violinista iniciante, há direcionamento desta construção sem rotulação de certo ou errado, para que motive o aprendiz a buscar seu caminho de aprendizado através da experimentação. Com isso ele desenvolverá a responsabilidade pelo seu aprendizado, sendo ela considerada em seu sentido etimológico: habilidade de responder (em inglês: *response ability*), tornando-o responsável. Também é importante colocar que os exercícios propostos podem mudar conforme contexto do aluno, mudando de ordem, ou acrescentando mais exercícios como sugeriu Mariana Isdebski Salles: abelhinhas (pizzicato); ou uma aluna sugeriu a cobra (bariolage); ou a gangorra (mudança de corda do arco ou mão esquerda). Além disso é fundamental que haja desde a primeira aula a experiência de fazer o som no violino além de deixar explícito o caminho tomado: onde leva, por onde passa, para onde pode ir e quando chegar ao destino abrir novos horizontes pois as possibilidades são infinitas.

Conclusões

Ao trazer a música para o universo do aluno, respeitando-o em seu conhecimento e características, os resultados obtidos podem ser impressionantes. Criar um ambiente para que o aluno possa ter disponibilidade em colocar suas vontades, suas ideias são essenciais ao desenvolvimento no processo de aprendizagem com autonomia e protagonismo. Com a

proposta dada neste artigo foi notado o desenvolvimento desses valores nos alunos, pois aplicaram na vida cotidiana familiar e escolar o que aprenderam na aula de violino, com testemunhos das suas famílias e professores. Portanto a arquitetura do som torna-se uma expressão totalmente viável à construção aqui proposta pois pode abarcar todas as expertises e adaptações contextuais mantendo-se íntegra assim como o objeto a que se propõe servir com amor: o ser humano.

Referências

ARQUITETURA in Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura>>. Acesso em 10 de Janeiro de 2016.

COSTA, Lúcio. Considerações sobre arte contemporânea. In: Lúcio Costa. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

DELORS, Jacques (org.). Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Editora Cortez, 7ª ed., 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3a. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO. 2001

YATSUGAFU, Sheyla Yassue. Relatório final apresentado ao PRÊMIO INTERAÇÕES ESTÉTICAS – RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS EM PONTOS DE CULTURA – 2010. João Neiva, 2011.

SUZUKI, Shinichi. *Educação é amor*. Tradução de Anne Corinna Gottber. Santa Maria: Palloti, 1994.